

## “ESTÁ DORMINDO, SENHOR MEIS?”: O HUMORISMO PIRANDELLIANO COMO ESTÉTICA DE QUESTIONAMENTO EXISTENCIAL

Leonardo Vianna da Silva (UFRJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta comunicação propõe-se, por meio da análise dos discursos do senhor Paleari e de Mattia Pascal/Adriano Meis, personagens de *O falecido Mattia Pascal* (1904), a uma reflexão sobre a estética do humorismo de Luigi Pirandello, importante ferramenta de questionamento existencial. O humorismo, do qual esses personagens são representantes prototípicos, visa, em linhas gerais, criticar uma modernidade europeia ausente de conceitos referenciais para o homem e discutir a tensa relação entre essência e aparência. Através da perspectiva humorística enxerga-se um mundo e uma sociedade totalmente sem sentido e/ou finalidades, os quais não proveem a felicidade do homem, exortando-o a uma constante reflexão sobre o sentido da sua existência.

**Palavras-chave:** Humorismo; Lanterninosofia; Luigi Pirandello; Modernidade; Questionamento existencial

### 1. O Positivismo do século XIX

O Positivismo, corrente filosófica que surgiu a partir da segunda metade do século XIX, nasceu como tentativa do homem de sistematizar o conhecimento e buscar, através do progresso técnico-científico, um dos conceitos mais discutidos no mundo ocidental: a Verdade. Tendo o método científico como ferramenta fundamental e princípios como o da objetividade das bússolas, o homem europeu procurava aprimorar cada vez mais seus conhecimentos e a sua sede de informação por solucionar os problemas da humanidade pareciam não ter fim.

No entanto, paralelamente ao Positivismo, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), através de seu pensamento *niilista*, demonstrava que a lógica científica não seria uma boa lente para observar de perto um mundo que já dava sinais de desagregação:

A condição geral do mundo é, pelo contrário, desde toda a necessidade, o caos, não pela ausência de uma necessidade, mas no sentido de uma fatal de ordem, de estrutura, de forma, de beleza, de sabedoria e de outras categorias estéticas humanas. Ao juízo da nossa razão, os lances de dados infelizes são a regra geral [...]. Mas como

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Letras: português/italiano (UFRJ), mestrando e bolsista Capes do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, área de concentração/opção: Estudos Literários Neolatinos/Literatura italiana (UFRJ). Contato: [leonardoviannads@gmail.com](mailto:leonardoviannads@gmail.com).

podemos nos permitir censurar ou elogiar o universo? Evitemos de recriminar sua dureza e a falta de razão ou o contrário. Não é perfeito, nem belo, nem nobre e não quer transformar-se em nada disso, não tende em absoluto a imitar o homem! [...] Quando todas essas sombras de Deus não nos perturbarão mais? Quando teremos despojado a natureza de seus atributos divinos? Quando haveremos de reencontrar a natureza pura, inocente? Quando poderemos nós, homens, tornar a ser natureza? (NIETZSCHE, 2013, p. 196-197)

Se no campo da filosofia a realidade aparente já era percebida como algo que, parafraseando Marshall Berman, se desmanchava no ar, o nascimento da psicanálise só veio a corroborar o que as artes já vinham denunciando a partir da segunda metade do século: a objetividade, tão prescrita pelo Positivismo, e o Realismo não condiziam mais com as perspectivas que o homem observava o mundo. Alfred Binet, em seu *Les Alterations de La Personnalité* (1892), vai jogar luz sobre uma importante questão: assim como a realidade material não é possível de ser conhecida na sua totalidade, a subjetividade humana também não, além de estar repleta de incertezas e incompreensões. O homem é um caleidoscópio de consciências múltiplas, das quais sequer imaginava que pudessem existir, todas vivendo em confronto entre si sob uma mesma máscara.

Como o projeto de alcançar a Verdade naufraga, o ceticismo, o niilismo e a psicanálise abrem caminho para uma leitura da realidade como sendo plural, diversa, impossível de ser conhecida na totalidade, tal qual o homem que tenta apreendê-la integralmente. O relativismo, a subjetividade e o acaso suplantam, portanto, o absoluto, a objetividade e o determinismo.

Luigi Pirandello (1867 — 1936), italiano nascido em Agrigento (Sicília), percebe essas mudanças e os abalos que sofre o discurso científico e retrata em sua obra artística essa crise do homem europeu, que se instaura a partir da passagem do século XIX para o XX. Tal crise se reflete no homem dada a perda de referências nas quais antes se ancorava, ele agora não consegue ter certezas sobre a realidade circundante e sobre si mesmo. Se ambos estão sofrendo graves abalos, o homem e o seu sistema de verdades, é natural que a representação artística também reflita criticamente essa ausência de pontos fixos na modernidade.

O *Novecento* foi o período onde as certezas e esperanças, outrora colocadas na ciência, no avanço técnico-científico e na busca por uma verdade, caíram por terra. O projeto burguês de uma sociedade racionalista, tão sonhado no século XIX, não gerara aqueles frutos esperados, muito pelo contrário. Sobre esse período histórico-cultural singular, Argenziano e Borzi afirmam:

L'analisi e l'arte pirandelliane si inscrivono in un clima di profonda delusione storica e culturale; la ferita del Risorgimento tradito non si rimarginò mai definitivamente nell'animo dello scrittore, che al senso di disillusione diffuso verso la fine dell'800, aggiunse lo sdegno meridionale per la politica dell'Italia unitaria nei confronti del Sud. Alla delusione storica fanno da contrappunto il fallimento della prospettiva positivista e la conseguente accusa che gli spiriti più avvertiti, e Pirandello è sicuramente tra questi, lanciano contro il trionfalismo scienziata. (ARGENZIANO; BORZI, 1994, p. 15)<sup>2</sup>

Isto é, à problemática histórico-cultural da Europa ainda se acrescentaram fatores da ordem de um autor italiano meridional, cujos ideais foram traídos com a unificação italiana. Argenziano e Borzi defendem a tese de que esse “clima di disillusione abbia inculcato nel giovane Luigi il senso della sproporzione tra ideali e realtà riconoscibile nel saggio *L'umorismo*” (ARGENZIANO; BORZI, 1994, p.7).<sup>3</sup>Ideais traídos, loucura, fragmentação do eu, subjetividade e choques ideológicos: esses são os temas recorrentes na literatura europeia desse período.

## 2. Lógica, sentimento da vida e a *lanterninosofia*

No ensaio “Arte e coscienza d’oggi” (1893), Pirandello já mostrara uma ideia bastante clara sobre a crise das ideologias oitocentistas e dos valores tradicionais e a relatividade que dela se originou. Além disso, a modernidade parece se descortinar

---

<sup>2</sup> “A análise e a arte pirandellianas se inscrevem em um clima de profunda desilusão histórica e cultural; a ferida do *Risorgimento* traído jamais cicatrizou-se no ânimo do escritor que, ao sentido de desilusão difundido por volta do fim do século XIX acrescentou-se o desdém meridional pela política da Itália unitária em relação ao Sul. À desilusão histórica contrapõem-se a falência da perspectiva positivista e a consequente acusação que os espíritos mais conscientes, e Pirandello está seguramente entre estes, lançam contra o triunfalismo da ciência.” (Tradução nossa)

<sup>3</sup> “Clima de desilusão tenha inculcado no jovem Luigi o sentido da desproporção entre ideais e realidade reconhecível no ensaio *O humorismo*.” (Tradução nossa)

como um terreno novo, destituído de pontos de referência sobre os quais o homem pode se guiar.

Crollate le vecchie norme, non ancora sorte o bene stabilite le nuove; è naturale che il concetto della relatività d'ogni cosa si sia talmente allargato in noi, da farci quasi del tutto perdere l'estimativa. Il campo è libero ad ogni supposizione. L'intelletto ha acquistato una straordinaria mobilità. Nessuno riesce più a stabilirsi un punto di vista fermo e incrollabile. I termini astratti han perduto il loro valore, mancando la comune intesa, che li rendeva comprensibili.

[...] Io non so se la coscienza moderna sia veramente così democratica e scientifica come oggi comunemente si dice. Non capisco certe affermazioni astratte. A me la coscienza moderna dà l'immagine d'un sogno angoscioso attraversato da rapide larve or tristi or minacciose, d'una battaglia notturna, d'una mischia disperata, in cui s'agitino per un momento e subito scompaiano, per riapparirne delle altre, mille bandiere, in cui le parti avversarie si sian confuse e mischiate, e ognuno lotti per sé, per la sua difesa, contro all'amico e contro al nemico. E' in lei un continuo cozzo di voci discordi, un'agitazione continua. Mi par che tutto in lei tremi e tentenni. (PIRANDELLO, 1993, p. 906)<sup>4</sup>

A modernidade, também denominada como “inicismo contemporâneo”, segundo o autor e crítico argentino, se fosse uma doença, os seus sintomas seriam:

[...]Egoísmo, spossatezza morale, mancanza di coraggio di fronte alle avversità, pessimismo, nausea, disgusto di se stessi, neghittagine, incapacità di volere, fantasticheria, straordinaria emotività, suggestibilità, bugiarderia incosciente, facile eccitabilità dell'immaginazione, mania d'imitare e sconfinata stima di se stessi. Esso [l'icismo contemporaneo] s'adagia, anzi si sdraja in un concetto di determinismo fatale. (PIRANDELLO, 1993, p. 901-902)<sup>5</sup>

<sup>4</sup> “Desmornadas as velhas normas, ainda não nascidas ou bem estabelecidas as novas, é natural que o conceito da relatividade de todas as coisas tenha-se de tal forma ampliado em nós, a ponto de fazer-nos quase que perder totalmente a estimativa. O campo está livre para qualquer suposição. O intelecto adquiriu uma extraordinária mobilidade. Ninguém mais consegue estabelecer um ponto de vista fixo e seguro o suficiente a ponto de não desmornar. Os termos abstratos perderam o seu valor, esvaziando-se do entendimento comum que os tornava compreensíveis.

[...] Eu não sei se a consciência moderna é realmente tão democrática e científica como hoje comumente se diz. Não entendo certas afirmações abstratas. Para mim, a consciência moderna dá a imagem de um sonho angustiante atravessado por rápidas ilusões, ora tristes ora ameaçadoras, de uma batalha noturna, de um conflito desesperado, no qual se agitam por um momento e logo desaparecem, para reaparecer outras, mil bandeiras, cujas partes adversárias se tenham confundido e misturado, e cada uma lute por si, pela própria defesa, contra o amigo e contra o inimigo. Constitui a consciência moderna uma contínua colisão de vozes discordantes, uma agitação contínua. Me parece que tudo nela trema e oscile.” (Tradução nossa)

<sup>5</sup> “Egoísmo, fadiga moral, falta de coragem diante das adversidades, pessimismo, náusea, desgosto por si mesmo, indolência, incapacidade do querer, fantasia, extraordinária emotividade, suggestibilidade,

Outra característica dos novos tempos, também, é a falta de lógica, tanto nas relações humanas, quanto na nossa própria existência. Em *Il Fu Mattia Pascal* — primeiro romance de sucesso de Pirandello publicado em 1904 —, temos o personagem que dá título à obra vivendo uma vida infeliz: de origem pequeno burguesa, observa a pequena fortuna deixada pelo pai ser dilapidada por um mau administrador; é obrigado a casar com uma mulher que não ama e a viver na casa de sua sogra, uma megera que o odeia; as filhas desse casamento morrem prematuramente, assim como a mãe de Mattia. Tomado pela dor e endividado, com o pouco dinheiro que lhe sobra, toma um trem e passa um final de semana em um cassino em Monte Carlo, onde, num golpe de sorte, ganha muito dinheiro no jogo. Decide voltar para sua cidade-natal e, novamente por acaso — acaso esse que tem papel fundamental na literatura pirandelliana —, um corpo é encontrado em um rio e sua esposa reconhece nele o marido morto. O choque e o espanto dão lugar à felicidade quase que súbita: de uma só vez Mattia livra-se da esposa, da sogra, das dívidas.

O narrador-personagem decide assumir uma nova identidade, uma nova máscara, para usar a terminologia pirandelliana, não mais a de Mattia Pascal, mas a partir de então como Adriano Meis, porém, frequentemente a veracidade de sua identidade e a história para si criada é colocada à prova, sobretudo quando decide se fixar em Roma, na pensão do senhor Paleari, após anos de viagens pela Europa.

Adriano, em uma série de discussões com o dono da pensão, constantemente (se) questiona sobre a ausência de lógica da vida, além de não poupar críticas sobre a existência de um contraste entre essência e aparência e um jogo dialético entre vida e forma. Sobre a lógica, ou a ausência dela, observemos um trecho de uma das várias discussões entre Pascal e o senhor Paleari:

Há lógica nisso? Matéria, pois não. Siga o meu raciocínio e veja aonde chego, concedendo tudo. Venhamos à Natureza. Atualmente, consideramos o homem como o herdeiro de uma série inumerável de gerações, não é verdade? Como o produto de uma elaboração muito lenta da natureza. [...] O homem representa, na escala dos seres, um degrau não muito elevado; do verme ao homem, digamos que haja oito, digamos que haja sete, digamos que haja cinco degraus. Mas,

---

invençioneiro inconsciente, fácil excitabilidade da imaginação, mania de imitação e infinita estima por si mesmo. Ele [o inatismo contemporâneo] se acomoda, aliás, se deita em um conceito de determinismo fatal.” (Tradução nossa)

com a breca! a Natureza afadigou-se, durante milhares e milhares de séculos, para subir esses cinco degraus, que vão do verme ao homem; a matéria teve de evoluir, não é? Para alcançar, como forma e como substância, esse quinto degrau, para tornar-se esse bicho que rouba, esse bicho que mata, esse bicho mentiroso, mas que, ainda assim, é capaz de escrever a *Divina Comédia*, senhor Meis, e sacrificar-se, como fez sua mãe e como fez a minha; e, de repente, plaft, volta tudo à estaca zero? Há lógica nisso? (PIRANDELLO, 1972, p. 136-137)

No ensaio *L'umorismo* (1908), publicado quatro anos após *Il fu Mattia Pascal*, Pirandello analisa, sistematiza e explica estética do humorismo, já esboçada nas suas primeiras poesias e, em maior consistência, no romance. A lógica, o pensar racional, segundo o autor, são os fatores que atormentam o homem e confundem a sua visão sobre a vida. Ao olhar a sua existência através das lentes da lógica, o homem comete um gravíssimo engano:

L'uomo non ha della vita un'idea, una nozione assoluta, bensì un sentimento mutabile e vario, secondo i tempi, i casi, la fortuna. Ora la logica, astraendo dai sentimenti le idee, tende appunto a fissare quel che è mobile, mutabile, fluido; tende a dare un valore assoluto a ciò che è relativo. E aggrava un male già grave per sé stesso. Perché la prima radice del nostro male è appunto in questo sentimento che noi abbiamo della vita.[...] All'uomo invece, nascendo è toccato questo triste privilegio di sentirsi vivere, con la bella illusione che ne risulta: di prendere cioè come una realtà fuori di sé questo suo interno sentimento della vita, mutabile e vario. (PIRANDELLO, 1993, p. 65)<sup>6</sup>

Nesse ensaio, porém, Pirandello conta o episódio de Prometeu ao roubar o fogo dos deuses para fazer uma referência direta, sem citar, porém, aquilo que no seu romance de 1904 será chamado *lanterninosofia*, ou filosofia da lanterninha. Na narrativa, Pascal/Meis fizera uma cirurgia de correção de estrabismo e precisara ficar 40 dias no escuro do seu quarto, tendo todas as atenções dispensadas pelo próprio senhor Paleari e por sua filha, Adriana, por quem se apaixonara.

---

<sup>6</sup> “O homem não tem uma ideia da vida, uma noção absoluta, mas sim um sentimento mutável e variável, de acordo com os tempos, os acasos e a sorte. Agora a lógica, abstraído dos sentimentos as ideias, tende exatamente a fixar aquilo que é móvel, mutável, fluido; tende a dar um valor absoluto àquilo que é relativo. E agrava um mal por si só já grave. Porque a primeira raiz do nosso mal reside justamente nesse sentimento que nós temos da vida. [...] Nascendo o homem, contrariamente, foi dado esse triste privilégio de sentir-se viver, com a bela ilusão que dele resulta: de tomar como uma realidade fora de si aquele seu sentimento interior da vida, mutável e variável.” (Tradução nossa)

Em uma noite, no entanto, o senhor Paleari veio ao quarto de Adriano explicou-lhe a sua particular filosofia: a *lanterninosofia*. O discurso, a todo momento, era interrompido por Paleari para saber se Adriano dormia, o qual, sempre respondia positivamente. Para o dono da pensão, ao contrário de uma árvore que vive sem se sentira si mesma,

A nós, homens, ao invés, coube ao nascermos, um infeliz privilégio: o de sentirmo-nos viver, com a linda ilusão de que daí resulta: a de tomarmos como realidade fora de nós esse nosso sentimento interior da vida, mutável e variável, conforme os tempos, os casos e a sorte. E esse sentimento, para o senhor Anselmo, era, justamente, como uma lanterninha que cada um de nós traz acesa dentro de si; [...] uma lanterninha que projeta, em nosso redor, um círculo mais ou menos amplo de luz, para além do qual acha-se a sombra negra, a sombra assustadora, que não existiria, se a lanterninha não estivesse acesa em nós, mas que nós devemos, infelizmente, julgar verdadeira, enquanto a lanterninha se mantém viva em nós. Apagada, por fim, com um sopro, a fonte luminosa, seremos acolhidos por aquela sombra fictícia, pela noite perpétua, após o dia enfumaçado da nossa ilusão [...]. (PIRANDELLO, 1972, 182-183)

Para o homem do *Novecento*, a existência é um “dia enfumaçado”, o que enxergamos não é a realidade, é uma ilusão que acreditamos ser a realidade. Ao homem, diferente dos outros seres vivos, foi dado esse triste privilégio: o de sentir-se viver. E esse sentimento da vida, que funciona como uma lanterninha acesa que projeta em torno a nós um pequeno círculo de luz, para além do qual está a escuridão, um vazio, o qual acreditamos ser verdadeiro, não fosse por causa da lanterna.

Para Pirandello, a existência humana é angustiante e solitária, e é por esse motivo que, para o senhor Paleari, nós procuramos “correr atrás dos vaga-lumes, que seriam as nossas lanterninhas, perdidos na escuridão do destino humano” (PIRANDELLO, 1986, p. 183). Tais lanternas, ainda segundo o dono da pensão, seriam de cores variadas, conforme o vidro que revestiria as fontes de luz.

Parece-me, porém, senhor Meis, que, em certas idades da História, assim como em certas estações da vida individual, poderiam determinar-se a prevalência de uma dada cor, não é? Em todas as idades, com efeito, costuma estabelecer-se, entre os homens, um certo

acordo de sentimentos que dá luz e cor àquelas grandes e imponentes lanternas que são, em termos abstratos: *Verdade, Virtude, Beleza, Honra* e outros que tais [...]. A lamparina de uma ideia comum é alimentada pelo sentimento coletivo; se esse sentimento, porém, se cinde, a lanterna do termo abstrato permanece, sim, de pé, mas a chama da ideia, em seu interior, crepita e bruxuleia e agoniza, como sói acontecer em todos os períodos chamados de transição. E não são raras, na história, as violentas rajadas de vento que apagam de súbito todas essas imponentes lanternas. Que prazer! Na repentina escuridão, então, é indescritível a balbúrdia das várias lanterninhas: quem vai para cá, quem vai para lá, quem volta atrás, quem fica andando em roda, nenhuma encontra mais o caminho [...]. (PIRANDELLO, 1972, p. 183-184)

E logo a seguir, o senhor Anselmo Paleari constata

Parece-me, senhor Meis, que nos encontramos, agora, num desses momentos. Muita escuridão, muita confusão! Todas as grandes lanternas apagadas. A quem devemos dirigir-nos? Para trás, talvez? Às lamparinas que sobrevivem, aquelas que os grandes mortos deixaram acesas sobre seus túmulos? [...] Mas de que maneira a acenderemos, senhor Meis, se à nossa lâmpada falta o azeite sagrado que alimentava a do Poeta? (PIRANDELLO, 1972, p. 184-185)

Essa questão suscitada – tomar os grandes artistas do passado e suas obras como referências — é problemática por duas razões: os sentimentos que alimentavam as lanternas dos pintores, poetas e artistas do passado eram diferentes dos de então e seria paradoxal conceber uma modernidade ainda ancorada numa tradição com quem tanto tenta romper.

A metáfora utilizada é bela, não apenas porque traduz exatamente o pensamento do romancista italiano sobre os novos tempos — de que a vida do homem europeu na modernidade é angustiante —, mas também por sua atualidade. Que conceitos devemos tomar como referência em uma época onde as lanternas, outrora tomadas como referenciais inabaláveis, se apagaram? Parece indagar-nos filosoficamente, ainda hoje, o senhor Paleari.

Adriano Meis tem parte de sua fortuna roubada na pensão Paleari e não pode denunciar quem imagina que seja o ladrão, pois não tem documentos; a paixão que nasce entre ele e a filha do senhor Paleari não pode se concretizar por meio de um casamento, também pela ausência de documentos. As dificuldades que Mattia Pascal



enfrentara em Miragno, sua cidade, retornam, dessa vez a Adriano Meis; se em um primeiro momento, Mattia se viu livre dos problemas da vida moderna por mera obra do acaso, então, como Adriano Meis, escolhe como saída a mesma solução que lhe fora ofertada pelo acaso: o suicídio, mas dessa segunda vez seria um suicídio forjado.

Se a vida em sociedade não é uma experiência das mais tranquilas, tampouco a metafísica alenta os tormentos do homem do *Novecento*. A religião, continuando o raciocínio do senhor Paleari ao explicar a sua filosofia da lanterna a Adriano, é um fármaco ministrado a conta-gotas, de eficácia duvidosa e agindo apenas sobre um grupo pequeno, aliviando os sintomas do viver, mas nunca curando a doença:

Muitos, ainda, vão às igrejas, para prover do alimento necessário suas lanternas. São, na maioria, pobres velhos, pobres mulheres, a quem a vida mentiu e que tocam para a frente, na escuridão da existência, com esse sentimento aceso como lamparina votiva, que protegem, com trépido cuidado, do gélido sopro dos últimos desenganos, para que dure, pelo menos, até lá, até a ourela fatal, da qual se aproximam conservando os olhos fitos na chama e pensando sem cessar: “Deus me vê!” A fim de não ouvir os clamores da vida em derredor, que soam, a seus ouvidos como blasfêmias. “Deus me vê...”, porque eles o veem, não apenas em si mesmos, mas em tudo, também em sua miséria, em seus sofrimentos, os quais, no fim, receberão um prêmio. (PIRANDELLO, 1972, p. 185)

Embora o tema da morte seja rodeado de um tabu e ao mesmo tempo de um mistério, para o senhor Paleari, no entanto, esse mistério não existe, a escuridão é fictícia, existe tão-somente por causa do sentimento da vida que projeta ao nosso redor uma luz.

[...] Se esse mistério não passasse, no fundo, de um engano como outro qualquer, um engano da nossa mente, uma fantasia que não se colore? Se nós, finalmente, nos convencêssemos de que esse mistério todo não existe fora de nós, mas somente em nós e, ali, de forma necessária, graças ao famoso privilégio do sentimento que temos da vida, isto é, à lanterninha de que lhe falei aqui? Se a morte, em suma, que nos mete tanto medo, não existisse? Se fosse tão-só não a extinção da vida, mas o sopro que apaga em nós a lanterninha, ou seja, o infeliz sentimento que dela temos? É um sentimento penoso, assustador, porque limitado, definido por esse círculo de sombra fictícia que se acha para além do pequeno âmbito da escassa luz, que nós, pobres

vaga-lumes perdidos, projetamos em torno a nós e em que a nossa vida fica como que aprisionada, como se fosse excluída, por algum tempo, da vida universal, eterna, na qual parece-nos que, algum dia, deveremos reentrar. Mas a verdade é que nela já estamos e nela permaneceremos [...]. (PIRANDELLO, 1972, p. 186)

O erro humano consiste, portanto, em acreditar que a morte seria a extinção da vida, quando na verdade a morte representaria o apagamento dessa lanterna que todos nós carregamos. Vale lembrar que em *L'umorismo*, Pirandello afirma que “noi già siamo forme fissate” (PIRANDELLO, 1993, p. 93)<sup>7</sup>, por esse motivo, a morte seria apenas o desfazimento dessa forma. O sentimento da vida aliena o homem e este acredita não fazer parte da “vida universal”, da qual fala o senhor Paleari em sua explanação, mas com a morte entraremos novamente ao *flusso continuo* (fluxo contínuo) da vida.

O limite existente entre o círculo de luz projetado pela lanterna e a escuridão para além dele é uma ilusão, é “relativo ao nosso pouco lume, o da nossa individualidade; na realidade da natureza, não existe” (PIRANDELLO, 1972, p. 186). Segundo Paleari, essa alienação que provocada pelo sentimento da vida não nos permite enxergar que “participamos de todas as manifestações do universo; só que não o sabemos, não o vemos, porque, infelizmente, a maldita lanterninha bruxuleante nos faz ver somente o pouco até onde seu lume alcança” (PIRANDELLO, 1972, p. 186).

De acordo com Paleari, se fosse possível olharmos para nós mesmos com outros olhos, um outro ponto de vista daquilo que ele chamará de uma outra “forma de existência”, toda a dor humana, todos os nossos enganos, nossos medos seriam motivos de... riso!

[...] não teríamos, talvez, boca bastante para rir às gargalhadas. Gargalhadas, senhor Meis, por todas as vãs, estúpidas atribulações que ela [a lanterninha] nos proporcionou, por todas as sombras, por todos os estranhos e ambiciosos fantasmas que fez surgir diante e em torno a nós, pelo medo que nos inspirou! (PIRANDELLO, 1972, p. 186-187)

---

<sup>7</sup> “Nós já somos formas fixadas.” (Tradução nossa)

O riso, tudo acabaria em grandes gargalhadas que talvez não tivéssemos boca o suficiente, segundo o dono da pensão romana, para rir. Todas as nossas ilusões, nossos enganos acabariam em riso; parece irônico que todo um sistema filosófico como esse no qual acredita o senhor Paleari, que questione a existência humana e o momento de transição no qual o homem em crise se encontre, conclua-se na comicidade.

A vida do europeu na modernidade é repleta de vicissitudes e a experiência em sociedade e as relações humanas que se constroem são os elementos principais causadores de infelicidade. Oprimido, o homem ocidental de fins do século XIX e início do XX só encontra a liberdade, segundo Pirandello, através do acaso; a Fortuna, como o romancista siciliano chama, é uma importante ferramenta de libertação, visto que é contingente, incerta. Porém, é importante que se saiba aproveitar as oportunidades que a Fortuna oferece: o erro de Mattia Pascal — ao ser ver livre de uma só vez da família, dos amigos e das dívidas — foi se inserir novamente na sociedade sob uma nova máscara, como Adriano Meis. Além do acaso, a loucura também é um caminho rumo a liberdade; o louco vive não de acordo com os protocolos sociais e as normas de comportamento impostas por uma sociedade pré-existente ao seu nascimento. A loucura e o acaso serão, portanto, dois importantes temas trabalhados por Luigi Pirandello para questionar a existência humana, durante a passagem do *Ottocento* para o *Novecento*.

### Referências:

ARGENZIANO, Maria; BORZI, Italo. Introduzione. In: PIRANDELLO, Luigi. *Tutti i Romanzi*. Roma: Newton & Compton, 1994, p. 7-22.

PIRANDELLO, Luigi. *O falecido Mattia Pascal*. Trad. Mário da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

\_\_\_\_\_. *L'umorismo*. Roma: Newton & Compton, 1993.

\_\_\_\_\_. *Saggi, Poesie, Scritti varii*. Milano: Mondadori, [1960] 1993, p. 891-911.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Scala, 2013.